

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia

Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/issue/view>

V. 1, n. 1, jan./jun., 2023, p. 92-106.

ESTAR NA ESCUTA DOS JOVENS PARA UM ACOMPANHAMENTO FECUNDO NA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

ACTIVE LISTENING TO YOUTH FOR A FRUITFUL ACCOMPANIMENT IN THE UNIVERSITY PASTORAL CARE

*Luca Peyron**

RESUMO: Num contexto social hipertecnológico, a pastoral universitária desdobra-se como uma pastoral generativa com vista à realização que retém, deixa, transcende e cuida do jovem num momento crucial da sua existência, caracterizado vocacionalmente. É uma pastoral de fronteira porque está de alguma forma confinada, no tempo e no espaço. A escuta dos jovens em contexto universitário assenta em pelo menos três pilares: a idade dos jovens, a índole de quem os acompanha e a própria universidade que é um contexto particular, um lugar de cultura e de saberes. É uma pastoral que ajuda a restabelecer o equilíbrio necessário entre saber fazer e ser. O segredo é escutar a verdade íntima de cada um deles, o cuidado daquela semente de esperança e de beleza que foi semear.

Palavras-chave: Escuta; acompanhamento; vocação; fronteira.

Abstract: *In a hyper-technological social context, university pastoral care unfolds as a generative pastoral with a view to achieving fulfillment that retains, allows, transcends and cares for young people at a crucial moment in their existence, characterized by vocation. It is a borderland ministry because it is somehow confined, in time and space. Listening to young people in a university context is based on at least three pillars: the youth's age, the nature of those who accompany them and the university itself, which is a particular context in itself, a place of culture and knowledge. It is a pastoral that helps to reestablish the necessary balance between the know-how and the know how to be. The secret is to listen to the intimate truth of each one of them and to care for that seed of hope and beauty that was sown.*

Keywords: *Listening; youth; accompaniment; vocation; borderland.*

INTRODUÇÃO

O ano de 2021 foi importante do ponto de vista da exploração espacial. No dia de Natal de 2021, o foguete Ariane 5 decolou da Guiana Francesa, levando à órbita o James Webb, o

* Dr. Pe. Luca Peyron (Turim, 1973), sacerdote diocesano. Referência da Pastoral Universitária diocesana e regional, cofundador do serviço para o Apostolado Digital, um dos primeiros serviços a nível global da Igreja Católica que trabalha na relação entre digital e fé. Docente de Teologia na Universidade Católica no Instituto Universitário Salesiano. Faculty Fellow del Centro Nexa do Politécnico de Turim, sócio da Internet Society e membro do Conselho Científico do Humane Technology Lab da Universidade Católica.

maior e mais poderoso telescópio espacial já construído começou a nos enviar imagens extraordinárias do céu profundo. No outono, a corrida à Lua recomeçou, embora com algumas dificuldades para a missão Artemis 1, que já perscruta uma possível aterragem humana em Marte. O DART, o primeiro experimento de defesa planetária, foi então totalmente bem-sucedido: a sonda atingiu o pequeno asteroide Dimorphos, desviando sua trajetória e demonstrando que - se necessário - seremos capazes de evitar um impacto desastroso com a Terra. Um planeta pequeno e frágil, o nosso, como que perdido na imensidão do cosmos, mas rico em vida e oportunidades. E sobretudo, como dizem os astronautas que trabalham na Estação Espacial Internacional, podem observá-la de cima, sem fronteiras, exceto aquelas entre a terra e a água, as narradas no livro do Gênesis. Proponho estas considerações porque imagino a pastoral universitária como uma experiência semelhante à aventura humana no espaço. Uma aventura com riscos calculados, ainda que não inteiramente ponderáveis, que tem como objetivo aumentar o conhecimento, anular fronteiras, restaurar uma fraternidade universal, partilhar saberes, carismas e sensibilidade para ir além de um “humano” limitado às suas necessidades essenciais, sem as descurar. Uma pastoral que se desdobra entre os saberes, que pega pela mão quem busca o conhecimento e, ao fazê-lo, pode encontrar a sabedoria. Ele pode finalmente encontrar Cristo, o Salvador.

Por ocasião do pouso na Lua, o Papa Paulo VI disse no *Angelus* de 13 de julho de 1969:

Um pensamento está na mente de todos nesta semana: a expedição de astronautas americanos à Lua. E é esse pensamento que vai além dos elementos descritivos desse fato tão singular e maravilhoso. A ciência e a técnica manifestam-se ali de uma forma tão incomparável, tão complexa, tão audaciosa que marca o auge das suas conquistas e prenuncia outras, com as quais nem a imaginação pode agora sonhar. E o mais surpreendente é ver que não se trata de sonhos. A ficção científica se torna realidade. Se considerarmos então a organização dos cérebros, das atividades, das ferramentas, dos meios econômicos, com todos os estudos, experimentos, tentativas que o empreendimento exige, a admiração se torna reflexão; e a reflexão centra-se no homem, no mundo, na civilização, de onde surgem novidades de tanta sabedoria e poder. Sim, no homem, especialmente: quem é este ser capaz de tanto? Tão pequeno, tão frágil, tão parecido com o animal, que não muda nem ultrapassa por si os limites dos seus próprios instintos naturais, e tão superior, tão senhor das coisas, tão vitorioso no tempo e no espaço? Quem nós somos? Vêm-me à mente as palavras da Sagrada Escritura: «Agora contemplo os teus céus, (ó Senhor), obra das tuas mãos, a lua e as estrelas, que aí colocaste. O que é o homem para que você se lembre dele? . . . você o fez ligeiramente inferior aos Anjos, você o coroou de glória e honra; e tu o puseste sobre as obras das tuas mãos. Tu puseste todas as coisas debaixo dos seus pés” (Sl 8, 4-8; Hb 2, 6-8). O homem, esta criatura de Deus, ainda mais que a lua misteriosa, revela-se no centro desta empresa. Acontece que é gigante. Ele revela-se a nós como divino, não em si mesmo, mas no seu princípio e no seu

destino. Honra ao homem, honra à sua dignidade, ao seu espírito, à sua vida. Para ele, isto é, para a humanidade. E pelos pensadores e heróis do feito fabuloso, hoje rezamos.¹

O Beato Paulo VI foi um precursor da pastoral universitária. Na época do seu serviço na secretaria de Estado, o jovem Montini era de fato assistente espiritual da FUCI, a Federação Universitária Católica Italiana, e as suas mensagens e discursos aos jovens da época podem ainda sugerir um caminho de pastoral universitária. Escreveu anos depois: “[...] *as melhores horas da nossa atividade sacerdotal, em todo o caso aquelas que nos deixaram as melhores recordações, são aquelas que passamos como jovem sacerdote entre os estudantes, ouvindo-os, tentando compreender deles, fazendo o nosso melhor para ajudá-los a descobrir a verdade, o Evangelho, o Cristo, a Igreja*”². Essa experiência marcou-o ao longo do seu ministério e repercutiu nas palavras transmitidas à história por ocasião da chegada à Lua.

O seu magistério pode ser um guia significativo para nós, ainda hoje, neste tempo profundamente marcado pela ciência, pela tecnologia que condicionam as nossas vidas, e por uma pandemia que nos trouxe abruptamente de volta à nossa fragilidade de criatura. Tal como a astronáutica, a pastoral universitária é uma pastoral de fronteira, que se realiza no território da missão, à beira do conhecimento, da experiência e da existência dos jovens. Assim podemos dizer, com João Paulo II, que: “A Igreja sente-se à vontade na universidade não só por razões de origem histórica e cultural, mas também porque a Igreja e a universidade têm em comum a paixão pelo homem”³.

Como se observou⁴, o jovem universitário não é simplesmente a criança de ontem que está se tornando o adulto de amanhã, num *continuum* indiferenciado, mas vive uma idade da vida com características próprias. Ele é a liberdade em construção, no seu drama histórico e existencial e, como tal, deve ser acompanhado e educado: deve ser cuidado. Um jovem não pode ser pensado independentemente das outras idades da vida, mas, ao mesmo tempo, deve ser pensado na sua própria idade. E aqui a pastoral universitária intervém para exercer a sua

¹ PAPA PAULO VI. *Angelus Domini* (13.07.1969). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1969/documents/hf_p-vi_ang_19690713.html>. Acesso em: 27 set. 2022.

² PAPA PAULO VI. *Discorso al XVI Congresso internazionale degli Studenti di Scienze economiche e commerciali* (09.03.1964). Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1965, n. 166-167.

³ TANZELLA NITTI, G. La natura e la missione dell'università nell'insegnamento di Giovanni Paolo II. *Vita e Pensiero*, 82, 1999, p. 645.

⁴ GUARDINI, R. *Le età della vita*. Loro significato educativo e morale (Sestante 2). Milano: Vita e pensiero, 1992; EVDOKIMOV, P. *Le età della vita spirituale*. Bologna: EDB, 2009; MARTINI, C. M. *Le età della vita*. Una guida dall'alba al tramonto dell'avventura umana. Milano: Mondadori, 2010; ANGELINI, G.; COMO, G.; MELCHIORRE, V.; ROTA SCALABRINI, P. *Le età della vita: accelerazione del tempo e identità sfuggente* (Sapientia 41). Milano: Glossa, 2009.

ação precisamente neste momento crucial, o da inversão que leva o jovem da infância à idade adulta, momento em que deve tomar plena consciência de si mesmo e da sua vocação. Nos poucos anos que passa na universidade, o jovem deve assumir o controle da sua existência, em continuidade com as idades da vida que o precedem e o sucedem. Então, que paradigma educativo e pastoral devemos propor nas universidades? A pedagogia tem escolhido aquele entre preceptor e menor, raramente escolhe aquele entre pais e filhos. Nós escolhemos a *generatividade* especialmente no contexto universitário porque não demora muito para compreender que o referente privilegiado para compreender o que é a educação é precisamente a relação entre pais e filhos; a educação segundo a pedagogia é assimilada com demasiada pressa ao ensino. A consideração da relação pais/filhos sugere então outra evidência elementar, ignorada pelos discursos atuais: a educação ocorre antes de tudo e acima de tudo antes de qualquer intencionalidade deliberada; só considerando as formas que esta educação pré-intencional assume é possível compreender o que é a educação e quais são os objetivos que ela deve perseguir⁵.

Educar significa, portanto, dar continuidade à aventura da vida, não em ruptura com o passado, mas, em *chave generativa*, em vista da realização que retém, deixa, transcende. Assim, o tempo universitário torna-se um limiar, uma fronteira que os jovens devem atravessar. No espaço de alguns anos, tornam-se “alguém”, reconhecem os próprios carismas e talentos, põem-nos à prova e farão deles a sua vida cotidiana nas décadas seguintes. O exame universitário não é apenas a validação de conhecimentos adquiridos, que são expostos com propriedades linguísticas: antes é, ou deveria ser, a confirmação de uma capacidade alcançada de pensar, argumentar, conjugar os saberes com vista a um objetivo. Além disso, se possível, imaginar um fim último que inclua carne, sangue e espírito, bem comum e bens eternos.

A fecundidade da pastoral universitária reside em colocar-se nesta fronteira, em acompanhar esta transição, encorajá-la, apoiá-la, guiá-la, contê-la e, portanto, em gerá-la. Olhando mais de perto, é uma pastoral fronteira porque está de alguma forma *confinada*, no tempo e no espaço. Está confinado no tempo, porque é no tempo da universidade que se desenrola. Os jovens se conhecem como calouros e, depois de formados, se confiam a outros, ao outro. São apenas alguns anos, muito poucos na maioria dos casos, se considerarmos a extrema mobilidade dos estudantes que completam os seus estudos ora numa universidade, ora noutra, muitas vezes incluindo experiências no estrangeiro ou, no caso das faculdades técnicas,

⁵ ANGELINI, G.; COMO, G.; MELCHIORRE, V.; ROTA SCALABRINI, P. *Le età della vita*, p. 98.

em contextos produtivos externos da universidade. O tempo é, portanto, curto, denso e intenso. A pastoral fica então confinada ao espaço porque a universidade é o lugar onde tudo acontece, um lugar reservado para tarefas que não são de contexto eclesial. Fazer pastoral universitária – fora das universidades católicas ou eclesiásticas – é fazer pastoral sendo hóspedes. Mas mesmo em contextos mais especificamente católicos, sempre sobrevive uma margem de hospitalidade, porque os jovens não estão ali para uma busca espiritual, ou pelo menos não de forma temática.

Como evidencia o teólogo Luca Bressan:

O mundo universitário é, portanto, um lugar pastoral e um lugar de pastoral precisamente neste sentido: pela sua capacidade de oferecer estímulos e ferramentas a um cristianismo em pleno processo de reapropriação da sua própria identidade profunda; pela sua capacidade de oferecer ao cristianismo um tecido social para o qual orientar o seu original anseio evangelizador, no qual exercer a sua própria ânsia missionária, no interior do qual fortalecer a memória cristã, permitindo assim a sua transmissão⁶.

A pastoral universitária está fortemente presente no Magistério dos papas do século XX. Esta afirmação do papa são João Paulo II diz e representa muito:

Talvez me seja perguntado a que título eu, representante da Igreja, me dirija a vós com participação tão intensa sobre aqueles que são os vossos deveres específicos. Perguntar-se-me-á se tenho, por assim dizer, o direito de entrar no campo das vossas responsabilidades. Diversas são as razões que me estimulam a fazê-lo. Há antes de tudo uma razão histórica: a Igreja pode afirmar ter estado muitas vezes na origem da instituição universitária, com as escolas teológicas e jurídicas. Há talvez também, permiti-me, uma razão pessoal, pois que dediquei, como sabeis, parte não pequena do meu empenho passado ao ensinamento universitário, a ponto de me sentir honrado de ser vosso colega. Mas existe uma razão mais profunda e universal: e é a comum paixão, vossa e da Igreja, pela verdade e pelo homem; melhor ainda: pela verdade do homem⁷.

Não temos aqui como aprofundar o Magistério, por isso acrescentemos as indicações do Papa Francisco, que na *Evangelii Gaudium* (EG) escreve:

As universidades são um âmbito privilegiado para pensar e desenvolver este compromisso de evangelização de modo interdisciplinar e inclusivo. As escolas católicas, que sempre procuram conjugar a tarefa educacional com o anúncio explícito do Evangelho, constituem uma contribuição muito válida para a evangelização da cultura, mesmo em países e cidades onde uma

⁶ BRESSAN, L. Parrocchia, chiesa locale e pastorale d'ambiente negli orientamenti pastorali della chiesa italiana. *Atti convegno "Chiesa e Università: comune impegno per l'uomo"*, Roma, 28-29, nov., 2003.

⁷ PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso aos professores universitários* (18.04.1982). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/april/documents/hf_jp-ii_spe_19820418_docenti-universitari.html>. Acesso em: 27 set. 2022.

situação adversa nos incentiva a usar a nossa criatividade para se encontrar os caminhos adequados⁸.

Mas é durante o Sínodo sobre ‘*Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional*’ que o tema é melhor focado, não só na exortação pós-sinodal *Christus vivit (CV)*, mas também nos documentos preparatórios e durante o debate sinodal. No *Instrumentum laboris* a importância do acompanhamento e da escuta nesta conjuntura da vida é explicitamente e extensivamente sublinhada. Esta indicação é retomada no *Documento Final* e depois no já mencionado *Christus vivit*, onde o jovem universitário é identificado como o motor de uma sociedade adaptada ao Evangelho: “Os universitários podem unir-se de forma interdisciplinar para aplicar os seus conhecimentos na resolução de problemas sociais e, nesta tarefa, podem trabalhar lado a lado com jovens doutras Igrejas e doutras religiões”⁹.

Neste contexto, o que significa, do ponto de vista teológico e pastoral, acompanhar os jovens na pastoral universitária, ouvi-los e acolhê-los neste período particular da vida? Para dar uma resposta cristologicamente fundamentada, e não simplesmente o resultado de uma análise psicológica ou sociológica ou de uma tematização das práticas pastorais, proponho um caminho que através da Escritura nos permite identificar alguns elementos estáveis que podem então tornar-se concretos na prática daqueles que oferecem a própria vida a este ministério fascinante.

1. UM PERCURSO DE PASTORAL UNIVERSITÁRIA NA ESCUTA DOS JOVENS

A escuta dos jovens em contexto universitário se assenta em pelo menos três pilares. O primeiro é uma consequência direta da idade. Geralmente estes jovens têm entre vinte e trinta anos e são portadores de questões humanas, espirituais e sociais específicas da própria década de vida. Trata-se de questões de natureza psicológica, afetiva, econômica e social - por exemplo, a universidade como um "elevador social" congestionado - com medos e as ansiedades por um futuro profissional incerto e muitas vezes precário. Mas há também questões de natureza espiritual, ligadas a uma busca de *sentido* que em alguns casos deve emancipar-se de uma prática de fé reduzida ao hábito e noutros deve retomar o fio de um caminho abandonado após a iniciação cristã.

O segundo pilar é o caráter, o carisma, a natureza de quem é chamado pela Igreja para servir na pastoral universitária. Nem todos possuem os carismas necessários e nem todos estão

⁸ EG, n. 134.

⁹ CV, n. 172.

‘talhados’ para este tipo de compromisso. Os fatores externos e objetivos podem ser diferentes. Acredito que seja importante que quem queira exercer este ministério possua uma formação universitária e não apenas em estudos eclesiais. A pastoral universitária é a partilha de uma experiência de vida específica, e o elemento pessoal desempenha um papel não secundário. Um segundo fator é a aptidão para o diálogo e a discussão com quem pensa diferente, sempre animado por um desejo sincero de anúncio. O diálogo acontece fora dos contextos eclesiais e as pessoas devem ser procuradas uma a uma, com delicadeza e atenção. Um terceiro aspecto é a propensão para trabalhar em equipe: o carisma do indivíduo corre o risco de se tornar um bumerangue numa missão cujo objetivo é a experiência da Igreja como comunidade dentro de uma comunidade, aquela acadêmica, que raramente é acolhedora e fraterna¹⁰.

Por fim, o terceiro pilar diz respeito à própria universidade: portanto, o contexto cultural, o tempo dos novos conhecimentos, o confronto entre fé e razão, as pré-compreensões típicas deste tempo em relação à Igreja, do seu carácter percebido como julgador, fora da história, insignificante do ponto de vista cultural. Deste último pilar gostaria de partir para um reconhecimento e um ganho pastoral com a Escritura e na Escritura, analisando algumas perícopes onde Jesus dialogou e ouviu num contexto de intercâmbio e aprofundamento dos saberes e da cultura do seu tempo, atento ao ensinamento do Concílio: “A Igreja acredita que Cristo, que morreu e ressuscitou por todos, dá sempre ao homem, através do seu Espírito, luz e força para responder à sua vocação suprema... Ela também acredita que encontra no seu Senhor e Mestre a chave, o centro e a meta do homem e de toda a história humana” (*GS 10*); e com maior incisividade: “Cristo revela plenamente o homem ao homem e lhe dá a conhecer a sua altíssima vocação” (*GS 22*).

Um primeiro passo decisivo é enquadrar a escuta do jovem num horizonte vocacional preciso. A pastoral com os jovens, de fato, é uma pastoral puramente vocacional, como nos lembra papa Francisco: “Toda a pastoral é vocacional, toda a formação é vocacional e toda a espiritualidade é vocacional” (*CV*, n. 254).

Nossa referência bíblica inicial é Lucas 2, 41-50. Na perícopa da perda e encontro de Jesus no Templo podemos encontrar a chave de todo diálogo sobre os saberes e com os saberes: a descoberta da vocação, da própria identidade profunda, da missão a respeito do Reino de Deus

¹⁰ *CV*, n. 243: “A comunidade desempenha um papel muito importante no acompanhamento dos jovens, e toda a comunidade se deve sentir responsável por acolhê-los, motivá-los, encorajá-los e estimulá-los. Isto implica que se olhe para os jovens com compreensão, estima e afeto, e não que sejam julgados continuamente ou lhes seja exigida uma perfeição que não corresponde à sua idade”.

e à filiação divina que, em Cristo e graças ao Batismo, a humanidade partilha. A perícopete evoca um contexto de estudo, quando Jesus está no final do seu percurso educativo na sinagoga de Nazaré e na casa paterna. Lucas situa o episódio durante a celebração da Páscoa judaica, pelo que podemos bem prefigurar uma ressignificação do antigo acontecimento pascal no seu cumprimento na Páscoa de Cristo, motivo sublinhado pela extensão temporal entre o momento em que Jesus desaparece da vista de seus entes queridos e aquele em que se encontra: os três dias depois. No Evangelho de Lucas a passagem é considerada *unicum*, uma inserção que se conecta bem com o resto do texto, mas - como fica claro entre os exegetas - parece provir de uma fonte própria. É o único episódio que não é narrado em alternância com outro semelhante e espelhado na vida do Batista, como é típico das histórias infantis, mais um indício de que na perícopete em questão, Cristo está além, é outro, ele é o cumprimento do antigo do qual o Batista é epônimo, mas também o último representante. A perícopete em questão é também o único testemunho que nos chegou da juventude de Jesus, a única luz no mistério que rodeia os seus anos de formação, uma escuridão tão insuportável que nos primeiros séculos foi preenchida nos evangelhos apócrifos com contos milagrosos¹¹. Voltando ao contexto da passagem, naquela época toda criança judia tinha que completar sete anos de estudo matinal e dois anos subsequentes de compromisso matinal e vespertino, um percurso quase certamente também completado por Jesus na sinagoga de Nazaré. Como foi assinalado: “é significativa a correspondência harmoniosa entre a conclusão do currículo escolar e a revelação em Jesus de uma sabedoria transcendente”¹². A figura da juventude de Jesus é, portanto, uma comparação próxima, sustentada durante três dias, no Templo, lugar de presença com os sábios do seu tempo. Aqui, em diálogo com estes sábios, um Jesus criança/adulto tenta compreender quem ele é, qual é a sua missão e a sua vocação. Quer discutir publicamente aquele Pai cuja presença - só podemos supor, com base na experiência trinitária de que Jesus falará durante a sua vida - ele sente a presença, com quem mantém um profundo diálogo interior, fruto da circuncisão trinitária embora kenótica em sua experiência de encarnado. No confronto com os Doutores, Jesus compreendeu então quem ele realmente era, para além do que Maria e José já lhe teriam revelado? Que valor tinha aquele diálogo em relação ao diálogo interior que ele tecia todos os dias com o Pai, aquele Pai evocado ao responder às preocupações da mãe? O ganho teológico e pastoral que podemos assumir para a nossa perspectiva na escuta dos universitários é que

¹¹ Sobre este ponto, uma ampla revisão em COLAVITA, M. *I Vangeli apocrifi dell'infanzia di Gesù*. Todi: Tau, 2018.

¹² FORESTI, F. Il bimbo Gesù ed i bambini. *Communio, L'infanzia*, 1985, p. 21.

Jesus procurou, em diálogo com os sábios do seu tempo, compreender melhor o que a tradição familiar lhe tinha dado, verbalizar e definir com mais clareza o que viveu em seu coração, para traçar seu caminho espiritual. Em suma, justificou a si mesmo e aos outros as escolhas de vida que faria mais tarde para responder à vocação irredutível que ia descobrindo dentro de si. Estes são os traços essenciais no amadurecimento de um jovem que devem ficar claros para quem escuta a sua vida, especialmente numa perspectiva crente e generativa.

Um segundo passo importante na escuta dos jovens é estar presente e acompanhá-los na restauração do equilíbrio necessário entre *saber fazer* e *ser*. Dado que a universidade moderna está cada vez mais desequilibrada no *fazer*, esta torna-se uma questão central. Historicamente nos distanciamos muito daquela ideia de *academia primordial* tão bem delineada pelo beato John Henry Newman¹³. O convertido inglês escreve que o princípio educativo universitário deveria consistir na transmissão de algumas ideias fundamentais: “Ciência, método, ordem, princípio e sistema; regra e exceção, riqueza e harmonia” (27). Por *método* ele entende antes de tudo a atitude mental de avançar passo a passo, tornando produtivo o seu potencial, distinguindo o que se sabe do que se ignora e, ao fazê-lo, adquirindo um certo *gosto* pela verdade e um desgosto pelo que é improvisado e casual, pois deve ser *novo*, mas apenas se este novo puder representar um motivo real de interesse (26-27). Newman tem em mente o ser do jovem, e a educação para ele é uma palavra elevada que: “Implica uma ação sobre a nossa natureza mental e a formação de um caráter individual e permanente” (241) daí decorre que educar ao saber significa estabelecer as condições pelas quais o aluno adquire um determinado estado ou condição mental, independentemente do que estuda. Um resultado tão nobre que - mesmo que dele nada resultasse em termos práticos - já seria satisfatório por si só (243). Porque, em última análise, a Universidade deve educar as pessoas para: “Raciocinar bem em todas as questões, tender para a verdade e apreendê-la” (263). A prática acadêmica atual, no entanto, está cada vez mais centrada na transmissão das capacidades operacionais imediatas, tanto nas faculdades técnicas como naquelas mais humanísticas. Na perspectiva aqui proposta, porém, não se trata de colocar o *saber fazer* e o *saber ser* em oposição, mas em diálogo, esse mesmo diálogo que a Escritura propõe entre a carne e o espírito e ainda mais radicalmente entre a natureza divina e a natureza humana em Cristo. Trata-se de tentar estabelecer continuamente um equilíbrio dinâmico que nunca reduza o conhecimento e a vida do jovem a um dos dois pólos, entre a

¹³ NEWMAN J. H. *Scritti sull'università. L'idea di Università, Origine e sviluppo delle Università*. Milano: Bompiani, 2008.

práxis e a utopia. Reduccionismos que devem ser tidos em conta também por quem escuta os jovens, que devem procurar ser pessoas que sejam os primeiros a ter presente que a atividade pastoral não pode ser feita em detrimento de um caminho contínuo de conversão e que o caminho de conversão não existe sem que um se incline para o outro na perspectiva do anúncio. O fazer, em adesão à realidade, reconduz ao ser e o ser permite voltar ao fazer sem ficarmos presos a ele, mas dando-lhe um empurrão que transcende e vai além. Para ilustrar teologicamente esta intenção está outra perícopes decisiva da vida de Jesus que se insere mais uma vez num quadro vocacional: a chamada ‘pesca milagrosa’ relatada em Lucas 5,1-10 e lida no seu paralelo pós-pascal relatado por João 21. O trecho lucano abre-se num contexto de ‘docência’: Jesus é rodeado pela multidão, que se reúne à sua volta para ouvir a palavra de Deus, e Simão Pedro oferece o seu barco para permitir que o Rabino seja ouvido por todos. Um *fazer* que se coloca à disposição da Palavra que molda o *ser*. Mas, terminada a catequese, Jesus vai mais longe e convida Pedro a sair novamente ao fundo para lançar a rede, exortando-o a refazer novamente o que tinha tentado em vão durante toda a noite, mas sem sucesso. Pedro sempre foi pescador, mesmo com algum sucesso, visto que possuía uma pequena frota e contava com muitos ajudantes, poderia ter rido do convite de Jesus, porém, deixa de lado o orgulho e aceita o desafio: "pela tua palavra eu lançarei as redes". O resultado é uma pesca superabundante e “milagrosa”.

O episódio se repetirá depois da Ressurreição e, nas palavras de João 21, torna-se um símbolo escatológico e missionário. Mesmo na história joanina, que se segue à sinótica, assistimos a um diálogo próximo entre Pedro e Jesus que convida o pescador da Galileia a recuperar, no sinal da pesca milagrosa, a sua autêntica vocação de pescador de homens. Jesus assegura a Pedro uma fecundidade inimaginável do *fazer*, onde este se coloca à disposição do Reino de Deus, numa fecundidade que não depende das capacidades e técnicas humanas, mas do poder salvífico da ressurreição de Cristo enraizado no seu *ser*, enraizado pode-se dizer hoje, no batismo. No diálogo com os jovens universitários, o núcleo do ensinamento de Jesus pode ser entendido como um convite a orientar sempre o desejo e a ação, na participação livre num caminho de acompanhamento. Tomar consciência de que a adesão total a Cristo é o que só importa, que só com Ele é possível reunir-se sem dispersar, permite ao jovem encontrar uma orientação escatológica e teleológica no que diz respeito aos seus objetivos existenciais, mas também profissionais e civis. Colocar a ressurreição de Cristo como medida da ação de uma pessoa, da moralidade e da retidão de suas ações, protege a pessoa da decepção e do fracasso.

Qual vida, qual verdade e quais caminhos são possíveis sem Cristo? Ele nos revelou a extensão da aceitação ou da recusa. Tudo nele é possível, tudo sem ele se perde. Ao escolhê-lo como meta, cada momento da viagem, cada aventura e ação tornam-se decisivos e significativos, capazes de dar sentido à vida cotidiana de cada ofício, profissão ou compromisso. Um *fazer* revestido de *ser* em nome d'Aquele que é, onde o ser e o agir combinam perfeitamente. Como recordou São Gregório de Nissa:

E o que mais, então, deveria fazer aquele que foi feito digno do grande nome de Cristo, senão explorar diligentemente cada pensamento, palavra e ação sua, e ver se cada um deles está tendendo para Cristo ou para longe Dele? Este importante teste pode ser feito de várias maneiras. Na verdade, tudo o que é feito, pensado ou dito, sob a pressão de alguma paixão maligna, não concorda em nada com Cristo, mas traz a marca e a impressão do inimigo, que mistura com a pérola preciosa do coração a lama da vil ganância para manchar e distorcer o claro esplendor da pérola. O que é, ao contrário, livre e puro de todo desejo sórdido, é certamente dirigido ao príncipe autor da paz, Cristo. Quem atinge e deriva dele, como de uma fonte pura e incorrupta, os sentimentos e afetos de seu coração, apresentará, com seu princípio e sua origem, tal semelhança como a água corrente pode ter com sua fonte no riacho ou brilha na ânfora. Na verdade, a pureza que está em Cristo e a que está em nossos corações é a mesma. Mas a de Cristo é identificada com a fonte; a nossa, porém, emana Dele e flui dentro de nós, arrastando consigo a beleza e a honestidade dos pensamentos, para que apareça uma certa coerência e harmonia entre o homem interior e o homem exterior, uma vez que pensamentos e sentimentos, que vêm de Cristo, regulam a vida e a orientam na ordem e na santidade. Nisto, portanto, a meu ver, reside a perfeição da vida cristã, na plena assimilação e realização concreta de todos os títulos expressos pelo nome de Cristo, tanto no âmbito interior do coração como no âmbito exterior da palavra e ação¹⁴.

A terceira passagem que proponho é a do encontro noturno entre Jesus e Nicodemos, relatado em João 3, 1-21. Aqui os diálogos parecem surreais e bizarros, num jogo de papéis que João utiliza para abrir o coração do leitor e fazê-lo refletir. Embora Nicodemos seja considerado um sábio, um mestre de Israel e uma personalidade influente, no quarto Evangelho ele desempenha o papel do ouvinte obtuso, daquele que fala da terra enquanto Jesus visualiza o céu. Podemos ler nesta perícopes a ambivalência do conhecimento, pedra angular de todo diálogo que pode ser iniciado em contexto acadêmico, com os jovens, mas não só. Vamos tentar nos fazer algumas perguntas. Jesus está dando um julgamento negativo sobre o farisaísmo ou está propondo uma nova abertura? Será que João nos dá um juízo sobre o conhecimento que ecoa em Qôhelet – vaidade das vaidades – ou traça um novo caminho para o sábio do seu tempo

¹⁴ GREGORIO DI NISSA. *L'ideale perfetto del cristiano*, PG 46, 283-286.

e de todos os tempos? O horário noturno em que ocorre o diálogo pode ajudar a resolver nossos dilemas. Nicodemos representa uma visão incapaz de ver a salvação autêntica que busca uma nova luz em Cristo. Na verdade, a noite, como nota ironicamente João, é tradicionalmente o tempo que o rabino dedica ao estudo da Torá e Nicodemos, tendo ido ter com Jesus durante a noite, finalmente encontra a verdadeira Torá, a palavra feita carne, aquela que João anuncia em seu prólogo. Um encontro que marcará o fariseu a tal ponto que mais tarde encontrará a coragem de defender Jesus (Jo 7,50; 12,42) e mandá-lo sepultar juntamente com José de Arimateia, transgredindo as leis de pureza que proibiam qualquer contato com um cadáver (Jo 19,38). No diálogo com Nicodemos, a intenção de Jesus não é certamente fazer um curso de exegese noturna, mas oferecer-lhe uma catequese pascal¹⁵ (cf. Jo 2,13 e Jo 2,23) que se torne catequese batismal e mistagógica. A salvação já não é apenas uma prerrogativa de Israel, a Páscoa será um dom para toda a humanidade, para o mundo inteiro, uma verdadeira luz que quebra todas as trevas, toda a verdade a aspirar e a partir da qual começar. Palavras que se transformam em gestos, leis que se tornam presença efetiva, com uma nova carnalidade. Qual é o tema central? O ser humano está na noite, vive uma noite perene que deve ser iluminada por Cristo, porque só Cristo é capaz de romper as trevas, Ele que é luz (Jo 1,5). Qualquer esforço, mesmo religioso, que não contemple a presença de Cristo, é um esforço que nos aproxima, mas não conclui, aliás, às vezes engana. O risco que a universidade e os seus estudantes correm é o da *ilusão salvífica* da ciência e da técnica, do método científico visto como o único instrumento válido para ler a realidade, o único guia sólido para o progresso. No estudo, o jovem corre o risco de ser envolvido por uma *hybris* autopoietica e ensurdecidora, quase uma replicação acadêmica do pecado de Adão e Eva: ser como Deus sem Deus, comendo da árvore. Bento XVI resumiu bem este aspecto:

Um progresso por adição só é possível no campo material. Aqui, no conhecimento crescente das estruturas da matéria e correlativas invenções cada vez mais avançadas, verifica-se claramente uma continuidade do progresso rumo a um domínio sempre maior da natureza. Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões. Nunca aparecem simplesmente já tomadas em nossa vez por outros – neste caso, de fato, deixaríamos de ser livres. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem, cada geração seja um novo início (SS, n. 24).

¹⁵ DUMOULIN, Pierre. *Giovanni. Il vangelo dei Segni Il vangelo dell'ora*. EDB, 2017.

Mesmo com dificuldade, Nicodemos aceitou deixar de lado o que já conhecia, para acolher um conhecimento novo, fruto de uma relação nova e espiritualmente decisiva. Assim, no diálogo com os jovens universitários e os seus professores, torna-se importante acompanhar o sentido de *proporção* no que diz respeito aos saberes que ajudam, mas não salvam; abrem, mas não decidem; predisõem, mas não concluem.

A partir daqui, segue a passagem para o último dos diálogos que pode ser interessante examinar, aquele entre Jesus e Pilatos. No Evangelho de João o episódio ocupa quase um terço de toda a história da paixão, testemunhando a sua centralidade. O governador romano, devido às leis da pureza e do tempo de Páscoa, é obrigado a agir como intermediário entre Jesus e os sacerdotes num contínuo ir e vir, dentro e fora do palácio do Pretório. Pilatos sai quatro vezes e entra três vezes, dividindo a história e os diálogos em sete cenas. Tudo gira em torno de uma questão fundamental: por que Pilatos interroga Jesus? Ele faz isso porque é forçado ou manipulado pelos líderes populares ou porque é pessoalmente levado a fazê-lo? Dever e oportunidade política, por um lado, e busca interior, por outro. É um jogo de poder e chantagem que tem o Inocente no centro. Pilatos não se descobre, talvez nem sequer compreenda o que Jesus realmente pede; permanece, como Nicodemos, firme nas suas convicções, dentro dos limites do que lhe é conhecido. Prisioneiro de seu próprio poder. Uma característica que não define apenas Pilatos: muitas das pessoas poderosas que Jesus encontra na sua existência permanecem bem presas ao seu cargo, posição e forma. O primeiro é aquele que queria que ele fosse morto ainda criança, Herodes. Ao enviar os Reis Magos a Jesus, ao não querer percorrer nem mesmo aquele pequeno trecho de estrada que o separa Dele, permanece fechado na prisão dos seus fantasmas e, com o massacre dos inocentes, prolonga a cadeia de sangue que o prende. Ele se recusa a alcançar um saber novo, diferente, dos quais os Magos são portadores, apegando-se a um saber corrupto e impreciso daqueles que interpretam mal as mesmas profecias das Escrituras. Voltando à história da Paixão e ao diálogo com Jesus, João descreve um Procurador marcado pelo medo. Embora o proclame inocente, e apesar de não encontrar nele nenhuma culpa segundo o direito romano (Jo 18,38; 19,4; e novamente em 19,6); porém manda flagelá-lo (Jo 19,1), apresenta-o a todos com as palavras: “Eis o homem!” (Jo 19,5). E quando ouve que, segundo a acusação, Jesus se fez Filho de Deus, Pilatos “tem ainda mais medo” (Jo 19,7-8). A Universidade é um lugar de poderes, muitas vezes não pequenos, organizados hierarquicamente e definidos por estatuto. Ainda é um dos poucos locais onde os jovens aceitam ser julgados: os exames e os diplomas continuam a ser algumas das poucas

formas de avaliação ainda consideradas fiáveis e socialmente aceitas. A relação com o poder, qualquer que seja a sua expressão, é um dos elementos específicos deste tempo e o diálogo com os jovens na prática pastoral evidencia-o: muitas vezes ficam suspensos entre o sentimento de sujeição ou opressão do poder e o desejo de exercê-lo no futuro. Mas, entretanto, há o medo: medo de não conseguir, de não estar à altura, de decepcionar, de ser esmagado. Se Pilatos foi encurralado e chantageado, hoje os estudantes sentem-se chantageados por expectativas muitas vezes excessivas e por pressões familiares, sociais, econômicas, pela solicitação incessante de novas 'atuações' ligadas a um tempo de acelerações contínuas. O diálogo com eles é sempre marcado por este grande esforço que é acompanhado por uma forma de 'idolatria' do poder oferecido pelo saber. A pergunta decisiva de Pilatos: "O que é a verdade?" torna-se então a questão que o acompanhamento deve suscitar. Uma pergunta que tem a força de mergulhar nas profundezas das motivações e à qual oferecer uma resposta verdadeiramente capaz de libertar o coração do jovem dos seus medos (Jo 8,32).

CONCLUSÃO

Concluindo, podemos dizer que o segredo do diálogo sobre os saberes e com os saberes no acompanhamento dos jovens é a escuta da verdade íntima de cada um deles, o cuidado daquela semente de esperança e de beleza que foi semeada em cada um e da qual começa a evocar uma verdade mais elevada, mais plena, mais total e abrangente que é a própria pessoa de Cristo. Os saberes indicam *verdades penúltimas*, mas, se bem compreendidos e procurados com honestidade, suscitam aquele desejo de *além* e de transcendência que vai além do conhecimento humano e do poder que dele deriva, e se abrem à descoberta inimaginável de um amor que se coloca a serviço do humano, da sua inteligência, do seu desejo, para conduzi-lo a verdade toda inteira. Ainda no Evangelho de João, Jesus pede ao Pai que santifique e consagre os seus discípulos na verdade, porque a sua palavra é a verdade (Jo 17,17-18)¹⁶.

Como observou von Balthasar, Deus criou e cria verdades no espaço humano, verdades que devem ser comparadas com a verdade fundamental que é o próprio Cristo, insuperável e insuperada. A encarnação de Cristo purifica e eleva o conhecimento humano, todo os nossos saberes finalmente encontram significado e realização na revelação¹⁷. Mas um *sentido* que deve ser acompanhado de um *assentimento*, de fé e de vida. Este é o objetivo último de ouvir e

¹⁶ SCHLIER, H. Meditazioni sul concetto giovanneo di verità. *Riflessioni sul Nuovo Testamento*, Brescia, 1969, 352.

¹⁷ BALTHASAR, H. U. Von. Verità e vita. Brescia: *Spiritus Creator*, 1972, p. 228-232.

acompanhar o jovem universitário no seu percurso acadêmico. O que é verdade? Ser gerado à consciência, à alegria e à adesão a este simples fato: a verdade é Jesus, o vivente, aquela forma de ser que molda cada ação, o fim de cada existência que é chamada à eternidade.

BIBLIOGRAFIA

ANGELINI, G.; COMO, G.; MELCHIORRE, V.; ROTA SCALABRINI, P. *Le età della vita: accelerazione del tempo e identità sfuggente* (Sapientia 41). Milano: Glossa, 2009.

BALTHASAR, H. U. Von. *Verità e vita*. Brescia: *Spiritus Creator*, 1972.

BRESSAN, L. Parrocchia, chiesa locale e pastorale d'ambiente negli orientamenti pastorali della chiesa italiana. *Atti convegno "Chiesa e Università: comune impegno per l'uomo"*, Roma, 28-29, nov., 2003.

COLAVITA, M. *I Vangeli apocrifi dell'infanzia di Gesù*. Todi: Tau, 2018.

DUMOULIN, Pierre. *Giovanni. Il vangelo dei Segni Il vangelo dell'ora*. EDB, 2017.

FORESTI, F. Il bimbo Gesù ed i bambini. *Communio, L'infanzia*, 1985.

GREGORIO DI NISSA. *L'ideale perfetto del cristiano*, PG 46.

GUARDINI, R. *Le età della vita*. Loro significato educativo e morale (Sestante 2). Milano: Vita e pensiero, 1992; EVDOKIMOV, P. *Le età della vita spirituale*. Bologna: EDB, 2009; MARTINI, C. M. *Le età della vita*. Una guida dall'alba al tramonto dell'avventura umana. Milano: Mondadori, 2010; ANGELINI, G.; COMO, G.; MELCHIORRE, V.; ROTA SCALABRINI, P. *Le età della vita: accelerazione del tempo e identità sfuggente* (Sapientia 41). Milano: Glossa, 2009.

NEWMAN J. H. *Scritti sull'università*. L'idea di Università, Origine e sviluppo delle Università. Milano: Bompiani, 2008.

PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso aos professores universitários* (18.04.1982). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/april/documents/hf_jp-ii_spe_19820418_docenti-universitari.html>. Acesso em: 27 set. 2022.

PAPA PAULO VI. *Angelus Domini* (13.07.1969). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1969/documents/hf_p-vi_ang_19690713.html>. Acesso em: 27 set. 2022.

PAPA PAULO VI. *Discorso al XVI Congresso internazionale degli Studenti di Scienze economiche e commerciali* (09.03.1964). Città del Vaticano: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1965.

SCHLIER, H. Meditazioni sul concetto giovanneo di verità. *Riflessioni sul Nuovo Testamento*, Brescia, 1969.

TANZELLA NITTI, G. La natura e la missione dell'università nell'insegnamento di Giovanni Paolo II. *Vita e Pensiero*, 82, 1999.